

MEMÓRIAS INDUSTRIAIS: NARRATIVAS DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS

INDUSTRIAL MEMORIES: NARRATIVES OF THE INDUSTRIAL HERITAGE OF RIO GRANDE/RS

Olivia Silva Nery

Doutora em História. Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel, Bolsista CNPq. e-mail: olivianery@gmail.com

Submetido: 30 de maio de 2021

Aceito: 27 de setembro de 2021

Publicado: 17 de novembro de 2021

MEMÓRIAS INDUSTRIAIS: NARRATIVAS DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS

Olivia Silva Nery¹

Resumo: Este texto discute a importância das memórias industriais na investigação e preservação do patrimônio industrial. A cidade do Rio Grande, objeto de estudo neste artigo, localizada ao sul do Brasil, foi um importante polo industrial para o país. Sua industrialização inicia em 1873 e passa por vários ciclos e fases, iniciando sua desindustrialização na década de 1960. Contextualizada por mudanças econômicas, a cidade presenciou o encerramento e a destruição de diversas indústrias e, assim, a perda de parte do patrimônio industrial. As memórias e narrativas sobre o passado industrial contribuem para refletir sobre como a população local se relaciona com essas referências patrimoniais, e quais são as principais narrativas acerca das indústrias locais. As memórias escritas analisadas foram coletadas através de contribuições voluntárias e fornecem informações relevantes sobre diversas fábricas da cidade do Rio Grande, seus trabalhadores, suas rotinas e seus produtos.

Palavras-chave: memórias; patrimônio industrial; narrativas.

INDUSTRIAL MEMORIES: NARRATIVES OF THE INDUSTRIAL HERITAGE OF RIO GRANDE/RS

Abstract: This paper discusses the importance of industrial memories in the investigation and preservation of industrial heritage. The city of Rio Grande, object of study in this article, located in southern Brazil, was an important industrial hub for the country. Its industrialization starts in 1873 and goes through several cycles and phases, starting its deindustrialization in the 1960s. Contextualized by changes so that the city witnesses the closure and destruction of several industries and, thus, the loss of part of its industrial heritage. Those memories and narratives about the industrial past contribute to reflect on how the local population relates to these heritage references, and what are the main narratives about local industries. The analysed written memories were collected through voluntary contributions and provide relevant information about several companies in the city of Rio Grande, their workers, routines, and products.

Keywords: memories; industrial heritage; narratives.

¹ Doutora em História. Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel, Bolsista CNPq. *E-mail:* olivianery@gmail.com. <https://doi.org/10.53930/348515>

INTRODUÇÃO

A busca pela preservação do patrimônio industrial da sociedade ocidental está calcada, sobretudo, na iminente perda dos vestígios materiais das várias fases da industrialização. O processo conhecido como desindustrialização que, no Brasil, tem início em 1960, culminou na destruição de diversos prédios fabris e construções que direta ou indiretamente estavam relacionadas com a vida e a rotina industrial. Esse processo, amplamente conhecido e discutido no campo do patrimônio industrial, abriu espaço para a compreensão da complexidade dessa categoria de patrimônio e, ainda, do caráter interdisciplinar de que ele dispõe.

Dentre as diversas características do patrimônio industrial, buscamos, neste texto, aprofundar no seu caráter imaterial: nas camadas simbólicas, memoriais e identitárias que permeiam a materialidade (e suas ausências) dos vestígios industriais. A relação entre memória e patrimônio pode ser compreendida a partir de Candau (2012, p. 16), ao considerar que o patrimônio é uma “dimensão da memória”, ou, ainda, “produto de um trabalho de memória” (Candau, 2006, p. 90). Enquanto “portador de tempos e de vivências” (Ferreira, 2006, p. 479), o patrimônio nos aponta para um universo imaterial e simbólico que entrelaça a história e a vida de diversas pessoas ao longo do tempo.

Tratando-se do patrimônio industrial, defendemos a ideia de que essa divisão entre material e imaterial – divisão aplicada nas categorias de patrimônio, tanto para questões conceituais como para políticas públicas – é ainda mais complexa e, inclusive, problemática. Não há como falar de patrimônio industrial sem considerar toda dimensão imaterial que circunda todo e qualquer vestígio material, ainda que não seja possível atingir, conhecer, toda sua imaterialidade.

Portanto, faz-se necessário que as pesquisas do campo patrimonial também considerem seus aspectos imateriais, mnemônicos e identitários, a fim de que não se percam também esses “vestígios”. É nesse sentido que a pesquisa de pós-doutoramento, intitulada *Caminho fabril: patrimônio in-*

*dustrial da cidade do Rio Grande*² foi delineada, está sendo desenvolvida e sustenta este artigo.

A cidade do Rio Grande, localizada ao Sul do Rio Grande do Sul, cerca de 320 km da capital do estado (Porto Alegre), é uma cidade peninsular, portuária, histórica, industrial e operária, a qual tem sua história totalmente vinculada a essas características. O passado industrial deixou profundas marcas no espaço urbano, mas também nas memórias, narrativas e identidades locais.

As fábricas, dos mais variados tipos e setores, iniciaram suas atividades no final do século XIX em Rio Grande, dedicando-se à substituição de importação (Martins, 2016), passando por fases e ciclos que alteraram profundamente o cenário urbano local. Isto contribuiu para que a cidade ficasse também conhecida como a “cidade das chaminés”, uma clara referência à grande quantidade de fábricas que lá existiram entre o final do século XIX até a segunda metade do século XX. Entretanto, apesar da inegável influência e presença das chaminés e de operários na cidade, não há uma política pública patrimonial que busque pesquisar e preservar esse patrimônio industrial. Desde 1960, Rio Grande, assim como outras cidades industriais do país, principiou seu processo de desindustrialização e crise fabril. Momento marcado por mudanças tecnológicas nos maquinários e no principal meio de transporte (substituição do aquaviário para o rodoviário), além do crescimento das indústrias no Sudeste, que afetaram negativamente as fábricas da cidade.

As grandes dimensões tão características das construções industriais da virada do século foram emergidas pelo crescimento urbano, pela especulação imobiliária e pela ação do próprio tempo. Da “cidade das chaminés”, poucas chaminés ainda resistem e demarcam essa história no espaço urbano. Dentre os estabelecimentos que desapareceram, estão: Companhia de Fiação e Tecelagem Ítalo-Brasileira (1894), Fábrica Leal, Santos & C (1889), Frigorífico Swift (1917), Fábrica de Conservas Rio Grande (1911), Fábrica de Fumos de Miguel José de Araújo (1876), Frigorífico Anselmi (1953) etc.

² O projeto foi aprovado no Edital 08/2019 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq sob o número de processo 151171/2020-3 e está sendo desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela pesquisadora Profa. Dra. Olivia Silva Nery (bolsista de Pós-Doutorado Júnior CNPq) e pela Profa. Dra. Maria Letícia Mazzucchi Ferreira (supervisora do projeto e Professora Titular da UFPEL).

Da maioria dessas fábricas, restam apenas as lembranças de ex-operários, de vizinhos, consumidores e moradores. Nesse sentido, o respectivo projeto tem por intuito realizar um mapeamento do patrimônio industrial (entre 1950 e 2000) e, em paralelo a isso, a preservação do aspecto imaterial do patrimônio industrial por intermédio do contato com a comunidade local e do recolhimento de depoimentos orais e escritos. Os depoimentos escritos foram recolhidos de duas formas distintas: através do preenchimento de um formulário por meio do *site* e das redes sociais do projeto. Trata-se de uma contribuição espontânea, de compartilhamento de memórias e informações sobre qualquer fábrica ou outra tipologia de patrimônio industrial da cidade do Rio Grande, dentre o período de 1950 a 2000.

Cabe salientar que o uso de depoimentos escritos na pesquisa se deu em virtude, principalmente, do cenário de pandemia instalado no Brasil e no mundo desde o início de 2020. Como salientam Santhiago e Magalhães (2020), a pandemia de COVID-19 afetou drasticamente as pesquisas que utilizavam a metodologia de História Oral, e que privilegiavam o contato físico de escuta tão característico e marcante do método. Entretanto, a falta de segurança para todos os participantes de uma entrevista (entrevistados e entrevistadores) fez com que os pesquisadores adaptassem suas investigações para novos formatos: entrevistas *online*, através de programas de vídeo chamadas, e depoimentos escritos.

Essas duas formas de acesso às narrativas foram utilizadas durante a respectiva pesquisa, além de algumas entrevistas orais coletadas presencialmente³. Nesse caso, apresentaremos neste texto os resultados parciais do projeto, buscando responder as seguintes questões: como a população rio-grandina lembra e narra o passado industrial da cidade? De que forma ela se relaciona com o patrimônio industrial local? Como fonte, utilizaremos depoimentos escritos e outras fontes coletadas durante a investigação, como jornais e fotografias.

Este texto visa dar conta da diversidade do patrimônio e da memória industrial da cidade do Rio Grande, tendo em vista o grande número de estabelecimentos fabris que a cidade abrigou, e ainda abriga. Nesse sentido, o projeto *Caminho Fabril* e seus desdobramentos, como o presente artigo, trazem um enfoque inédito na cidade do Rio Grande: mapear as fábricas

³ Foram realizadas algumas entrevistas orais, entretanto, elas não serão analisadas neste texto.

da cidade e seu patrimônio industrial, localizando, inclusive, aqueles que já foram destruídos, e incluir narrativas e memórias de fábricas pouco, ou nada, estudadas na região. Atendendo, assim, a proposta de Ferreira (2009, p. 212) ao pontuar a necessidade de, ao trabalhar com o patrimônio industrial, “não hierarquizar as memórias envolvidas” e possuir uma “perspectiva inclusiva e multifacetada”.

Para responder os questionamentos que norteiam este artigo, pautamos-nos em estudos de Candau (2006; 2012), Sampaio (2017) e Ricoeur (2007) que auxiliam na compreensão dos trabalhos e exercícios de memória. Além disso, pesquisas de Lopes e Alvim (2009) e Ferreira (2009; 2013) permitem dialogar sobre a memória e o patrimônio industrial. Assim, o presente artigo está organizado da seguinte forma: a primeira parte aborda a industrialização na cidade do Rio Grande, a fim de contextualizar os leitores e leitoras do cenário industrial, memorial e patrimonial da respectiva pesquisa; a segunda parte traz memórias do trabalho, a partir de depoimentos que apresentam os ofícios e as atividades laborais de diversas fábricas da cidade do Rio Grande; a terceira parte versa sobre saudade e nostalgia, apresentando relações nostálgicas do passado industrial da cidade do Rio Grande e a construção de uma representação sobre esse passado. Por fim, são apresentadas as reflexões finais sobre as entrevistas analisadas e questionamentos realizados.

INDUSTRIALIZAÇÃO NA CIDADE DO RIO GRANDE: PASSADO E PRESENTE

No final do século XIX, a cidade do Rio Grande começou seu processo de industrialização, assim como várias outras cidades do Brasil. Fruto do seu tempo, Rio Grande deu início a sua industrialização com a abertura de uma fábrica têxtil: Fábrica Rheingantz, fundada em 1873. Grande símbolo do passado industrial e do patrimônio industrial, a Rheingantz caracteriza-se como objeto de estudo de diversos pesquisadores das Ciências Humanas e de outras áreas, tendo sido constituída um marco memorial, identitário e patrimonial, tal como defende Ferreira (2013).

Para além da Rheingantz, Rio Grande abrigou centenas de estabelecimentos fabris – e uma estrutura industrial formada por meio de transporte (ferrovia e bonde), energia, e estabelecimentos comerciais que atendiam indiretamente as fábricas. O investimento nessa estrutura urbana, conforme Martins (2016) e Lima (2018), também ocorreu na década de 1870. No período de cem anos (1873-1973), estima-se que Rio Grande tenha abrigado cerca de cem⁴ estabelecimentos industriais. Muitos desses estabelecimentos tinham mais de cem operários, e outros mais de mil. Portanto, além de uma cidade industrial, Rio Grande é uma cidade operária. Na obra *O Rio Grande do Sul: completo estudo sobre o estado* publicada por Costa em 1922, ao falar sobre a característica industrial da cidade, o autor aponta:

O número de fábricas existentes na cidade excede de 30 e dentre elas se destacam: 1º Frigorífico Swift do Brasil, com capital de 20 mil contos e com importante produção de carnes frigorificadas, conservas, etc.; 2º Companhia União Fabril, com o capital integralizado de 2.500 contos. Produção: tecidos de lã, algodão e juta; 3º Companhia Ítalo-Brasileira, sede na Itália, capital de 1.000.00 de liras. [...]; 4º Fábrica de biscoitos e conservas alimentícias de Leal, Santos & Cia; 5º Fábrica de charutos, de Poock & Cia; 6º Fábrica de cerveja e gasosa, de Anselmi & Schmitt; 7º Fábrica de fósforos de Pedro Pérez; 8º Fábrica de calçados de Llopart, Matta & Cia; 9º Fábrica de fumos, cigarros e charutos de Miguel José de Araújo. O número total de casas comerciais é de 900, com o capital invertido de 30 mil contos de réis. (Costa, 1922, p. 13)

Conforme defende Martins (2016, p. 82), “o capital comercial representou a base para o acúmulo de capital e o consequente desenvolvimento industrial da cidade do Rio Grande”. Segundo Ferreira (2013, p. 73), a instalação da Rheingantz na cidade do Rio Grande sucedeu “principalmente por já possuir um porto capaz de receber embarcações comerciais, o que facilitava a importação de equipamentos necessários à produção têxtil”. De acordo com Martins (2016), essa motivação não foi exclusiva da fábrica têxtil, mas de todas

⁴ Até o momento, trata-se de uma estimativa, resultado parcial da pesquisa de Pós-Doutorado *Caminho fabril: patrimônio industrial da cidade do Rio Grande* que está fazendo um inventário e mapeamento das fábricas na cidade. Esse número inclui os pequenos e grandes estabelecimentos (com menos e mais de cem operários, alguns chegando a mais de mil operários).

as demais. O polo fabril formado a partir da Rheingantz teve um papel fundamental na industrialização estadual e nacional e tinha como característica ser “voltado não somente para o mercado regional, mas principalmente para o mercado nacional [...] e para o exterior. Esse parque tinha localização estratégica, ou seja, junto a um porto marítimo” (Martins, 2016, p. 106). Assim como no restante do país, em Rio Grande, a industrialização brasileira “inicia-se pelos bens de consumo não-duráveis” (Martins, 2016, p. 106).

Entretanto, grande parte dessas indústrias fundadas entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX presenciaram, a partir de 1960, uma forte crise e o encerramento de vários estabelecimentos. Nery (2020), a partir de Martins (2016), aponta que o encerramento dessas e de outras fábricas locais aconteceu em virtude da retomada da economia industrial no cenário internacional pós-Segunda Guerra Mundial, e, além disso, de uma defasagem tecnológica em comparação às indústrias do sudeste do Brasil, principalmente do estado de São Paulo.

Todavia, ainda que novos estabelecimentos surgissem, o encerramento (ou a diminuição de atividades) de grandes indústrias da primeira fase atingiram fortemente a cidade: milhares de pessoas desempregadas, um sentimento de luto e morte (Ferreira, 2009), e uma crise econômica. Dos anos 1960 para cá, passados sessenta anos, apenas quatro ou cinco fábricas continuam funcionando na zona mais central da cidade, estando a maioria ativa no Distrito Industrial (construído na década de 1970). Nessa região industrial da cidade funcionam, atualmente, indústrias químicas, de fertilizantes e defensivos agrícolas, além da Leal Santos (apenas pescado).

Na zona central da cidade, nos bairros Centro e Cidade Nova, grande parte das fábricas foram destruídas e, hoje, nesses locais, encontram-se edifícios residenciais, comerciais, ou suas próprias ruínas. As poucas construções fabris que ainda resistem à especulação imobiliária e à força do tempo foram descaracterizadas e dissociadas do seu uso original, de seu passado industrial. Frente a isso, o acesso às memórias e narrativas que, de certa forma, reconstroem, repovoam e revivem os estabelecimentos industriais da cidade tornam-se de grande relevância e contribuição para a preservação e valorização desse passado industrial.

Quando identificamos Rio Grande como uma cidade tipicamente industrial, é preciso reforçar que isso também a faz uma cidade operária, e até uma “cidade vermelha” (Castro, 2019), tendo em vista a quantidade de trabalhadores e de seus respectivos sindicatos e mobilizações trabalhistas. Portanto, tais memórias e narrativas aqui apresentadas servirão como ponto de partida e análise para compreender a complexa relação que a cidade do Rio Grande tem com o seu passado e patrimônio industrial, e suas tensões.

MEMÓRIAS DO TRABALHO

A experiência do trabalho fabril deixa profundas marcas nos operários e operárias. Protagonistas e testemunhas dos processos de industrialização e da desindustrialização, tiveram suas vidas regidas pela rotina fabril, pelas máquinas, pelo conhecimento tecnológico e pelas relações sociais, culturais e econômicas que circundam uma fábrica. As histórias e narrativas de vida ganham essas marcas: antes, durante e depois do trabalho. Esses marcadores de tempo, de espaço e de labor estão presentes em grande parte das narrativas recolhidas até o momento.

As memórias do trabalho contribuem no desvendar dos ofícios e funções desempenhadas por essas pessoas, conhecimentos adquiridos durante anos de prática, de envolvimento direto com máquinas, setores, produtos. Além disso, em virtude da distância temporal do funcionamento de algumas fábricas, os depoimentos também indicam memórias e informações dos trabalhos desenvolvidos pelos próprios depoentes, mas também de seus familiares. Esses depoimentos constituem 72% do total de contribuições do formulário do projeto. São pais, avós, tios, irmãos e cônjuges rememorados e associados ao passado industrial local.

As narrativas fabris e operárias de terceiros podem indicar o importante caráter de compartilhamento e socialização dessas memórias. Enquanto filhos(as) de operários, eles(as) assistiram o deslocamento diário entre a fábrica e a casa, testemunharam conversas e escutaram histórias. Assumem o papel

de porta-voz daqueles que já partiram, perpetuam suas memórias e tentam retirá-los do anonimato, do esquecimento. Percebemos, durante as coletas desses depoimentos e a interação dos sujeitos com as publicações nas redes sociais referentes ao passado industrial da cidade, que há um desejo latente de divulgar e valorizar as histórias de familiares com a fábrica. Em alguns casos, é possível notar certa euforia ao visualizarem as fotos desses locais, como: *“Nossa, meu pai trabalhou aí!!”*.

Essas iniciativas se aproximam do caráter de dever de memória intrínseco do patrimônio industrial, aspecto salientado por Ferreira (2009). Dever de memória, segundo Ricoeur (2007) impera entre o trabalho de memória, luto e justiça. Assim, o desejo de compartilhar, nomear e demarcar a presença e as memórias de seus familiares pode ser entendido também nesse contexto.

Considerando que a cidade do Rio Grande, conforme apresentado anteriormente, não possui uma política patrimonial de preservação dos vestígios industriais, frente ao abandono e esquecimento das histórias das fábricas e de outros patrimônios industriais, as famílias buscam – por meio do projeto – exercerem o dever de memória. Para Candau (2012, p. 68), “todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios”. O antropólogo relaciona essa nomeação ao caso de vítimas do nazismo e do Holocausto; esse ato de dar nome às vítimas seria, para o autor, “retirá-la do esquecimento, fazê-la renascer e reconhecê-la conferindo-lhe um rosto, uma identidade” (Candau, 2012, p. 68).

Trazendo as reflexões para o campo do patrimônio e da história industrial, cujo processo de apagamento, silenciamento, invisibilidade e até de objetificação dos trabalhadores industriais, característica do sistema capitalista (Mendes & Wunsch, 2009), contribui para que haja um desconhecimento dos nomes desses operários, das suas vidas e histórias. Assim, dar nome aos operários da cidade do Rio Grande, e conhecer parte de suas histórias, faz parte de um processo de desobjetificação dos sujeitos e de renascimento. Eles deixam de ser apenas números, dados estatísticos, para ganharem rostos e identidades, tal como apontou Candau (2012).

A narrativa de uma das depoentes do projeto elucida tais questões ao contar sobre sua avó, que trabalhou na Fábrica Pescal⁵:

Minha vó trabalhou na Pescal por meados de 1960 como filetera. Seu nome era Eloá Philômena dos Santos Cardorin, e lembro que ela tinha uma amiga chamada Nathália que também trabalhava na mesma função. As fábricas contratavam muita gente como tarefeiros, ganhavam por produção⁶.

A depoente traz, em sua narrativa, o nome de duas operárias da Fábrica Pescal, sua avó e a amiga dela, Nathália. O trabalho por tarefa, realizado por tarefeiras e tarefeiros, era extremamente comum nas fábricas de pescado do período. Eles não eram considerados empregados, mas sim “trabalhadores(as) avulsos ou eventuais”, ainda que as “tarefeiras executam o trabalho mais qualificado” (Silva & Spolle, 2014, s.p.). Nesse caso, a ausência do vínculo empregatício formal, como a empresa coloca os tarefeiros, pode dificultar ainda mais o reconhecimento dessas pessoas e sua relação com as empresas. Silva e Spolle (2013), ao pesquisarem sobre o trabalho feminino nas fábricas de pescado da cidade do Rio Grande, abordam os tipos de atividades executados pelas tarefeiras e, dentre eles, a preparação dos filés – atividade de Eloá e Nathália:

A preparação dos filés denomina-se popularmente de fileteamento e as trabalhadoras se autodenominam de fileteras, pois com o uso das facas e outros apetrechos preparam os filés de pescado, considerado um produto nobre que exige destreza no manuseio. (Silva & Spolle, 2014, s.p.)

Dessa forma, as narrativas recolhidas durante a execução do projeto contribuem para o reconhecimento desses sujeitos, de parte de suas histórias e vidas, em um processo necessário de identificação das pessoas que ocuparam os patrimônios industriais. Por outro lado, recebemos também narrativas dos próprios trabalhadores, alguns que descreveram as funções e atividades que desempenhavam nas fábricas.

É o caso de Ricardo Rosa Barros, que trabalhou na já citada Fábrica Rheingantz:

[Eu] trabalhava na fábrica da Rheingantz de dia, meu trabalho era abastecer as mulheres nas máquinas de tecelagem com as lãs usadas para efetuarem a tecelagem das peças de roupa. Eu era menino novinho e, claro, as mulheres nos sacaneavam. Era

⁵ Fábrica de Pescados da cidade do Rio Grande, iniciou suas atividades na década de 1940.

⁶ Depoente optou por não ser identificada.

muito bom e fiz muitas amizades. Tinha uma metodologia que nunca vou esquecer. Quando dava [o apito da] saída, todos os trabalhadores puxavam uma corda e, quando acendia, aleatoriamente, tu entravas numa sala com a chefia e era revistado. A primeira vez, como não tinha conhecimento do processo, fiquei muito nervoso, depois me explicaram e foi tranquilo. As melhores roupas e cobertores e jaquetas que já usei padrão excelente.

No depoimento de Ricardo, ele aponta para a rotina da fábrica, não só sobre sua função, mas sobretudo da rotina de controle e segurança do local. Sobre a saída da fábrica, vale retomar o que diz Perrot (2017, p. 65) a respeito: “a saída da fábrica é um momento privilegiado da vida cotidiana”. O fim da jornada de trabalho, anunciada pelo apito da fábrica, era acompanhado pela rotina da revista aleatória dos funcionários, conforme o relato de Ricardo. A revista pode ser compreendida dentro do caráter disciplinar e controlador das fábricas do período. Segundo Aravanis (2010), a Fábrica Rheingantz era uma das indústrias locais que possuía uma significativa rotina de disciplina e controle junto aos seus operários.

A rotina de trabalho, e de revista, é mencionada por outro depoente. Charles Cunha Pinto trabalhou no Frigorífico Swift (Figura 1), empresa que iniciou suas atividades na cidade em 1918 e funcionou até o início dos anos 1960.



Figura 1: Frigorífico Swift. Rio Grande / Fonte: Acervo do Museu da Cidade do Rio Grande⁷ (s./d.).

⁷ Foto adquirida através do contato direto com a instituição e envio da reprodução através do correio eletrônico.

A Cia Swift S.A. do Brasil chegou a ter cerca de 2.000 operários e sua instalação na cidade está diretamente relacionada à Primeira Guerra Mundial. “A Swift era uma empresa norte-americana do grupo The Big Four, de Chicago. Tinha como principal atividade produtiva a frigoração de carne e era moldada nos padrões fordistas de produção” (Martins, 2016, p. 145). A grande produção de carne da Swift na cidade trouxe diversas mudanças no cenário urbano local, conforme salienta Martins (2016). Diversas pessoas chegavam à cidade atraídas pela possibilidade de emprego, ocasionando um aumento populacional e, em paralelo a isso, da construção de casas e casebres ao redor do frigorífico.

O depoimento de Charles Cunha retrata a sua percepção individual sobre o estabelecimento, sobre sua profissão e o que a Swift representava naquele momento:

Assim que concluí o curso na Escola SENAI João Simplício, fui trabalhar na Cia SWIFT, como eletricitista, era menor, mas contratado como profissional. Fiquei abismado com o gigantismo da planta industrial, era uma cidade dentro de outra cidade, totalmente independente. Tinha energia elétrica, água, segurança, bombeiros, tratamento de esgoto, acesso ferroviário, um armazém no porto Novo, tudo próprio. A energia elétrica era 550 V trifásico, falavam que as câmaras frigoríficas eram as maiores da América do Sul, eram gigantescas, havia bombas d'água de 300 HP, bobinei motores de 1/20 de HP até 300 HP, a casa de Máquinas era monumental. [...] Todos os funcionários eram revistados na saída da empresa, nunca vi algo contra esta norma. Por políticas do Governo Federal, no início dos anos 60, comecei a decadência da empresa, até chegar ao encerramento das atividades, gerando grande número de desempregos. Tenho bons causos de quando lá trabalhei e muito aprendi. Até hoje ainda possuo a minha carteira de Trabalho de Menor. E a vida continuou...

Charles Cunha, enquanto eletricitista, traz, no seu relato, o conhecimento técnico e específico característicos de sua função e profissão na medida que descreve sua percepção sobre toda estrutura e cenário espacial do frigorífico. Sua fala reforça uma característica relevante do patrimônio industrial: o conhecimento técnico que envolve os diversos setores das fábricas. A grande dimensão da Swift, sendo caracterizada pelo depoente como uma

“cidade dentro de outra cidade” é também salientada por Oliveira (2015, p. 1-4), “ocupava uma área de aproximadamente 27 hectares, constituída de vários prédios numa especialização das atividades e de diversos setores” e “constituiu-se, sem dúvida alguma, como o lugar que mais empregava em Rio Grande”.

A ênfase dada, para além das dimensões do espaço, às máquinas e à tecnologia da Swift indicam a importância das máquinas para essas fábricas e para os próprios operários. Segundo Sampaio (2017), a tecnologia é essencial para o processo de industrialização. A qualidade das máquinas no espaço fabril tinha grande importância, principalmente no que concerne ao tempo e qualidade da produção. Elas também serviam como uma espécie de marcadores de distinção frente às demais, fazendo com que muitas dessas empresas ostentassem suas máquinas e tecnologias com o intuito de atestar sua qualidade, tal como foi apresentado por Nery (2020).

Ao final de seu depoimento, Charles também traz o relato de vistoria dos funcionários que, nesse caso, ao contrário do narrado por Ricardo anteriormente na Rheingantz, era feito em todos os funcionários. O período de fechamento da empresa também é lembrado pelo depoente e demonstra o grande número de desempregos gerados. De fato, conforme dito anteriormente, o fechamento da Swift foi um marco na história da cidade, demarcando o processo de desindustrialização iniciado em 1960. Em janeiro do mesmo ano, o jornal *Rio Grande* trouxe estampado em sua capa a notícia “Fechamento da Fábrica Swift de Rio Grande, objeto de debates entre Prefeito, empregados e empregadores” (Jornal Rio Grande, 1960, p. 1). Na matéria, a preocupação dos políticos locais, dos sindicatos e dos cerca de 1.500 desempregados corrobora a fala de Charles.

O impacto que o trabalho fabril pode ter na vida dos indivíduos, é percebido no último depoimento analisado aqui sobre memórias do trabalho. Shirlei Madruga trabalhou na Fábrica Rheingantz entre 1978 e 1979, sendo esse seu primeiro emprego. Entretanto, sua mãe já trabalhava na fábrica, algo extremamente comum no cenário industrial da cidade. Ao narrar sobre sua experiência na fábrica, descreve:

[...] Quando comecei a trabalhar e conhecer as repartições, fiquei abismada com a grandiosidade dos maquinários, que produziam desde a lavagem das lãs até as confecções de cobertores, tapetes, casacos, capotes, ponchos e vários outros produtos têxteis. Ainda lembro que no verão de 1978, quando lá eu trabalhava, adorava ver as mulheres mais velhas com sombrinhas, para protegerem-se do calor ao sair da fábrica, apressadas com o curto período para o almoço. Era um colorido típico de saída de fábrica, com mulheres batalhadoras cumprindo uma jornada de trabalho dura e estafante, mulheres guerreiras que ajudavam no sustento da família. (Shirlei de Fátima Felipe Madruga).

Novamente, as máquinas ganham destaque na fala dos depoentes. A atmosfera fabril criada pelos teares, máquinas, barulhos, cheiros e movimento de operários era impactante, tal como demonstrou Ferreira (2009; 2013). Mas o cenário da saída da fábrica, descrito por Shirlei, reforça a ideia defendida por Perrot (2017, p. 65): “a saída da fábrica é um momento privilegiado à vida cotidiana, a ponto de se tornar, entre 1880 e 1914, o tema daquelas fotografias de grupo que nos foram legadas por tantos cartões-postais”. O burburinho, a cena estilo “formigueiro” nas saídas da fábrica e o colorido da cena marcou a memória de Shirlei, além da agitação e a correria para aproveitar cada minuto do curto intervalo para o almoço, anunciado pelo apito da fábrica, de uma jornada exaustiva.

Essas mulheres, descritas como fortes e guerreiras por Shirlei, eram maioria nas fábricas têxteis. Na Rheingantz, “no final da segunda década do século XX, de um total de 1.020 operários, 370 eram homens adultos e 71 menores de idade. [...] 440 mulheres adultas e 139 menores” (Martins, 2016, p. 111).

SAUDADE E NOSTALGIA

A importância e o impacto da industrialização na formação e desenvolvimento da cidade do Rio Grande resulta em uma espécie de saudosismo e lembranças de caráter nostálgico sobre esse passado. Os contrastes entre passado e presente, sobretudo após o processo de desindustrialização sofridos na cidade a partir de 1960 e, mais recentemente, a crise do setor naval

e petrolífero vivida desde 2015⁸, contribuem para a valorização e exaltação desse passado industrial.

A cidade dos ciclos possui em suas narrativas e memórias tons de saudade e nostalgia que indicam não só o impacto das indústrias na vida das pessoas e no local, como também contribuem para refletirmos sobre a forma de lembrar e de se relacionar com esse passado. A nostalgia, fenômeno complexo, pode ser compreendida como uma emoção, sobretudo positiva e afetiva que envolve passado, presente e outros indivíduos (Sedikides, Wildschut & Baden, 2004). Gastal (2006, p. 144), ao estudar as formas de relação dos sujeitos como espaço urbano salienta que a nostalgia seria “um sentimento de oposição ao novo [...] acompanhada de uma sensação de perda e sofrimento [...]. Tal nostalgia carregaria em si uma evasão do presente, acompanhada de uma idealização do passado como edênica idade de ouro”.

Para Candau (2012), a nostalgia também pode ser definida como um dos exemplos de “falhas de memória”, ou seja, parte do processo de organização, atualização e manipulação natural da memória. A visão de Nazareth-Tissot (2017, p. 34) também auxilia na compreensão dessas narrativas nostálgicas sobre o passado industrial rio-grandino ao definir que a nostalgia “seria, então, um tipo de saudade, a saudade específica de um tempo trazido à tona pela/na memória”. Considerando a complexidade desse sentimento, dessa saudade, a autora identifica, a partir das leituras de Boym, dois tipos diferentes de nostalgia: uma de caráter mais amargo, e outra mais doce. Em linhas gerais, a nostalgia amarga apresenta uma carga mais negativa, “encera a ausência do tempo passado com pesar” (Nazareth-Tissot, 2017, p. 59), já a nostalgia doce tem caráter positivo, e esse passado não é utilizado para menosprezar o presente, mas para engrandecê-lo, glorificá-lo.

O grande ponto de reflexão e divergência está na forma como a exaltação desse passado altera a relação com o presente: negação (amarga) ou de

⁸ Rio Grande foi uma das cidades do Brasil que, com seus estaleiros navais, construiu diversas plataformas de petróleo. O chamado Polo Naval movimentou de forma significativa a cidade tanto do ponto de vista econômico quanto social e cultural. Iniciado em meados de 2008, o setor entrou em crise em 2015, sendo diretamente atacado pela instauração da investigação de corrupção chamada “Lava Jato”. A partir de então, houve um declínio e uma crise na cidade, causando grande número de desempregados.

aceitação e exaltação (doce). Por se tratar de sentimentos, afetos e fenômenos memoriais e narrativos, a identificação desses dois tipos de nostalgia nos depoimentos coletados não é tão simples. Tratando-se de memórias industriais, percebemos que diz respeito a um desafio ainda maior, pois essas memórias evidenciam experiências laborais que, muitas vezes, foram definidoras da vida desses sujeitos.

Tal aspecto, estudado anteriormente por Ferreira (2013), sobre as memórias de antigos trabalhadores da Fábrica Rheingantz na cidade do Rio Grande, mostra a:

[...] forma nostálgica como se referiam ao passado, “os bons tempos da Rheingantz”, ao mesmo tempo em que ocultava as fissuras sociais, homogeneizando e contemporizando os conflitos, revelava estratégias e dispositivos engendrados para afirmar identidades num contexto – o do presente – no qual as circunstâncias de vida no plano pessoal e o cenário econômico apontavam para quadros de penúria, desemprego e perda da crença numa recuperação do potencial fabril da cidade. (Ferreira, 2013, p. 71).

Nas narrativas coletadas durante essa pesquisa, percebemos que a nostalgia, ora mais amarga, ora mais doce, está presente nas narrativas tanto de antigos trabalhadores e trabalhadoras quanto na de seus familiares, na comunidade que presenciou a vida industrial. O saudosismo e a nostalgia doce aparecem na fala de Jaques Acosta Amaral ao compartilhar suas experiências e lembranças enquanto trabalhava na Fertilul, empresa de fertilizantes:

Eu trabalhei na Fertilul na unidade de ensaque e expedição onde eu tive o privilégio de trabalhar e conhecer excelentes pessoas, que até hoje quando encontro algumas destas pessoas, sempre lembramos daquela época.

Ao referenciar os encontros com os amigos e colegas enquanto forma de lembrar e fortalecer essa memória dos bons tempos, do trabalho, percebemos a importância do social para a memória. É o que Halbwachs (1990) defende sobre a influência do coletivo na construção de memórias individuais e a importância dos grupos e reuniões para tal. Candau (2012, p. 24), avançando em algumas interpretações sobre a existência e construção de uma memória coletiva, defende que ela “é uma representação [...], um enunciado que membros

de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo”.

O caráter nostálgico dos depoimentos aparece, sobretudo, ao evidenciar um período de grande “prosperidade”, “riqueza”, “diversidade de oportunidades” que a cidade oferecia naquele momento. Uma variedade de produtos que eram fabricados na cidade, mas também uma variedade de empregos. É a partir dessas duas linhas que os depoimentos nostálgicos circundam. E isso é encontrado não apenas nas narrativas deixadas voluntariamente no formulário do projeto, como também na interação da comunidade local com as postagens feitas pela página do projeto no Facebook⁹.

Há uma relação de orgulho e nostalgia permeada no fato de que Rio Grande era responsável por fabricar uma ampla variedade de produtos que eram consumidos pela própria sociedade local, como também exportados. Esses produtos eram orgulhosamente apresentados e referenciados para “os de fora”, gerando, inclusive, uma espécie de competição entre as demais empresas. Portanto, o tempo das fábricas é também o tempo desses produtos, da “honra” de consumi-los, de ser testemunha dessa prosperidade. É um pouco disso que Edda Machado transpõe em seu depoimento:

Lembro do enorme complexo industriário que o nosso município tinha. [...] Havia também o abatedouro e açougue Anselmi. Famoso por seus embutidos. Eram únicos. Hoje tem um, que apesar de não ser mais do Anselmi ficou como característica do produto: “patê do Anselmi”. [...] Leal Santos, famosa por seus biscoitos. Era na Aquidaban. Torrefação de café São Domingos também na Aquidaban. [...] Todas elas fecharam. (Edda Maurenre Machado).

Os produtos do Frigorífico Anselmi, biscoitos Leal Santos e café São Domingos definiam o sabor de uma cidade, de uma época. É o que Amon e Menasche (2008, p. 17) nomeiam como voz da comida, que “manifesta a memória de sabores e vivências da comunidade em que passou a infância e a adolescência. Se a comida é uma voz que expressa significados, como a fala, ela pode contar histórias”. Ainda sobre as fábricas alimentícias e seus produtos,

⁹ O projeto possui perfis nas redes sociais Facebook e Instagram e faz, rotineiramente, postagens sobre as fábricas locais, divulgando as imagens e informações coletadas durante as pesquisas.

cabe refletir que o seu caráter perecível e efêmero, que impossibilita guardar um biscoito e um patê, por exemplo, por muito tempo, faz com que o sabor nostálgico seja ainda mais forte e presente.

Com o encerramento das fábricas, dos produtos e, posteriormente, de seus prédios, as referências materiais desse período são ainda mais raras. Dos biscoitos vendidos em lata, restam as latas que são utilizadas para guardar documentos, fotografias, objetos de costura (Nery, 2020). Do patê, que era vendido em uma simples bisnaga de plástico, não há mais vestígios. Nesses casos, as memórias orais ou escritas desses produtos tornam-se ainda mais relevantes, pois evidenciam o caráter imaterial do patrimônio industrial, que transcende ao prédio, às máquinas, e ao trabalho diário, alcançando também a vida cotidiana e seus consumidores.

Na fala de Edda, a demarcação do encerramento dessas fábricas evidencia o fim desse tempo: o tempo das fábricas. Conforme dito, esse período é lembrado também como prosperidade e sinônimo de emprego e oportunidades. É o que salienta Roselir Souza em seu depoimento: “Nas fábricas de peixe, camarão e frutas dependendo da época nunca faltava serviço, sempre tínhamos comida na mesa, pois trabalhávamos e no final do dia recebíamos”.

O contraste entre os tempos (passado e presente), tendo como ponto de reflexão as fábricas, evidencia a crise econômica vivida na cidade desde o fim do Polo Naval, como dito anteriormente. O passado é que era “bom”, pois nunca faltava serviço e, esse trabalho proporcionava o sustento das famílias. Outro depoente faz a mesma referência ao lembrar sobre o trabalho na fábrica de pescado Torquato Pontes:

Era encantador ver o movimento dos operários felizes a trabalhar e ter sempre o seu “ganha pão” honestamente! Minha função era montar umas caixinhas de madeira para colocar os peixes, pelo que lembro, salgados. Minha mãe era da turma que descascava camarão e fileteira. Meu pai era dos serviços gerais.

O acesso ao trabalho aparece como um dos principais fatores para essa relação nostálgica e positiva do passado industrial. A construção de uma ampla camada operária, não só na cidade do Rio Grande, mas nas

idades industriais de maneira geral, foi decisiva para a reorganização social e urbana. Essa característica está diretamente associada à implantação do capitalismo moderno na sociedade brasileira no final do século XIX e ao processo de industrialização.

Trabalhar era sinônimo de pertencer a grupos sociais, a possibilidade de acesso a certos bens de consumo e de ocupar um lugar na sociedade. Fazer parte, portanto, do grupo de trabalhadores era estar incluído na dinâmica cidadina; associar o trabalhador e o trabalho como algo honesto e dignificante, o oposto daquele é que ocioso. Essa é uma associação que remete ao final do século XIX, tal como destaca Chalhoub (2012, p. 70), numa construção ideológica do trabalho como “elemento ordenador da sociedade”. Trata-se do processo de associação do trabalho às ideias de cidadão e cidadania, e à de vadio, vadiagem e irresponsabilidade àquele que não exerce seu papel de trabalhador. Nesse processo de associação e representação social e moral do trabalho, aquele que está vinculado à uma fábrica acaba cumprindo com sua função social, como um cidadão honesto.

A fábrica Torquato Pontes, enquanto indústria pesqueira, constituía um dos importantes setores do cenário industrial local, principalmente a partir de 1970. Pedroso (2011, p. 9), ao analisar a constituição de um dos bairros industriais e operários da cidade, afirma que “conseguir trabalho na época não era tarefa das mais difíceis, existia muita demanda por mão de obra. As indústrias de alimentos e pescados empregavam muitas pessoas como safristas ou diaristas”. Ou seja, essa ampla oferta de empregos possibilita a associação positiva e saudosista desse passado.

O que percebemos a partir desses depoimentos é que a distância temporal, a saudade, e a importância dada ao trabalho fabril na vida dos depoentes contribuiu para uma memória nostálgica e saudosista, que evidencia os aspectos mais positivos desse passado. Nessas memórias escritas e compartilhadas com o projeto através do formulário, não há espaço para as lembranças negativas ou pesadas que também constituem os trabalhos fabris. Como salienta Pedroso (2011), o trabalho nas fábricas de peixe deixava marcas sociais negativas, identificadas pelo macacão branco, pelo avental e pelas botas ou pelo cheiro característico das fábricas de pescado, o que causava certa discriminação.

Outras dificuldades do trabalho fabril, como as longas jornadas, a insalubridade de alguns estabelecimentos, a hierarquia e a vigilância, também não aparecem nas narrativas. Trata-se do exercício mnemônico natural dos indivíduos pois, conforme exposto, as memórias não podem ser compreendidas enquanto uma representação fiel do passado (Candau, 2012),

[...] mas trazem aspectos desse passado e nos moldam para que se ajuste às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossas identidades moldam nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos afetam o que julgamos ter sido. (Thomson, 1997, p. 57).

Ou seja, as narrativas recolhidas durante a pesquisa e apresentadas neste artigo, demonstram a complexidade memorial, narrativa e identitária que circunda o patrimônio industrial. Antigos trabalhadores, seus filhos e testemunhas do passado fabril direcionam seus olhares para o passado a partir do presente, envolvidos pelo contexto atual, pelo papel que esse emprego ou essa fábrica tem na história de suas famílias, de suas vidas.

REFLEXÕES FINAIS

O patrimônio industrial é composto de vidas, de memórias, histórias, esquecimentos e identidades. Os depoimentos recolhidos durante o projeto indicam que o passado industrial da cidade do Rio Grande envolve não só aqueles que trabalharam nas fábricas, mas suas famílias. O pertencimento, o afeto e os vínculos são, muitas vezes, repassados para outras gerações. São eles, filhos(as), netos(as), sobrinho(as), que se tornam porta-vozes dessas histórias. E é especificamente nesses casos que a categoria de patrimônio fica mais evidente, pois envolvem categorias como transmissão, pertencimento, identidade, memória, afeto, emoção.

Por outro lado, a diversidade de depoentes que participaram do projeto, a partir do preenchimento do formulário ou dos comentários nas redes sociais, fornecem informações inéditas sobre as fábricas, suas rotinas e trabalhadores. As narrativas ocupam, no campo da memória e do imaginário, as fábricas que hoje estão vazias, abandonadas ou destruídas. O acesso às memórias confere ao

respectivo projeto um caráter singular de uma rede de memórias industriais. Uma rede invisível que transcende o tempo e o espaço e que conecta famílias, gerações, pessoas.

Ao permitir que compartilhem suas memórias, esses trabalhadores e trabalhadoras podem ocupar o papel de protagonistas e narradores de suas histórias e experiências. Os depoimentos também auxiliam a dar nome ao corpo de operários da cidade, personagens marginalizados da escrita e da narrativa de uma história oficial, trazendo à tona lembranças de sociabilidade das relações e tensões pessoais no cenário fabril.

Ter sido um dos milhares de trabalhadores fabris da cidade tem um peso, deixou marcas na vida dessas pessoas. Marcas e lembranças que podem ser acessadas no encontro de ex-colegas, na visualização de uma fotografia ou de um objeto. Na ausência dos edifícios fabris, essas tornam-se, em muitos casos, as únicas alternativas para a compreensão de camadas simbólicas e sociais do tempo das fábricas.

Em resposta às questões que nortearam este texto, salientamos que os colaboradores do projeto, por meio do compartilhamento de suas memórias escritas, se relacionam com o passado industrial de forma saudosa e nostálgica, apoiando-se na justificativa de uma época permeada pela oportunidade de empregos e de produtos. Além disso, encontram nesta pesquisa uma oportunidade de nominar, demarcar e eternizar seus familiares, numa aproximação ao caráter de justiça e dever de memória presente no patrimônio industrial.

A socialização dessas memórias escritas permite compreender, ainda que inicialmente, as relações da comunidade com esses patrimônios industriais: representações desse passado, de um vínculo familiar, de uma identidade. Elas corroboram a definição de Rubino e Meneguello (2005, p. 129) acerca do patrimônio industrial quando afirmam que “é esse patrimônio, entendido como processo e como encontro e confronto entre homem, máquina e técnica, que torna o patrimônio industrial tão peculiar”. Portanto, frente ao cenário precário de preservação do patrimônio industrial da cidade do Rio Grande, as memórias, que remetem a esses lugares, constroem vínculos identitários, afetivos e históricos e tornam-se tão relevantes para o patrimônio industrial.

REFERÊNCIAS

- Amon, D., & Menasche, R. (2008). Comida como narrativa da memória social. *Sociedade e Cultura*, 11(1), pp. 13-21. <https://doi.org/10.5216/sec.v11i1.4467>
- Aravanis, E. (2010). A industrialização no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas de República: a organização da produção e as condições de trabalho (1889-1920). *Mundos do Trabalho*, 2(3), pp. 148-180. <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2010v2n3p148>
- Candau, J. (2006). *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Vision.
- Candau, J. (2012). *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.
- Castro, R. P. (2019). Marinheiros, portuários e a “cidade vermelha”: mobilização e repressão no contexto do golpe civil-militar de 1964. *Revista História UEG*, 8(1), pp. 1-23.
- Chalhoub, S. (2012). *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Ed. UNICAMP.
- Costa, A. R. (1922). *O Rio Grande do Sul: completo estudo sobre o Estado*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1922.
- Ferreira, M. L. M. (2006). Patrimônio: discutindo alguns conceitos. *Diálogos*, 10(3), pp. 79-88. <https://doi.org/10.4025/dialogos.v10i3.88>
- Ferreira, M. L. M. (2009). Patrimônio industrial: lugares de trabalho, lures de memória. *Museologia & Patrimônio*, 2(1), pp. 22-35.
- Ferreira, M. L. M. (2013). Os fios da memória: fábrica Rheingantz entre passado, presente e patrimônio. *Horizontes Antropológicos*, 19(39), pp. 69-98. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832013000100004>
- Gastal, S. (2006). *Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio*. Campinas: Papirus.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Edições Vértices.
- Jornal Rio Grande (1960). *Fechamento da Fábrica Swift de Rio Grande, objeto de debates entre prefeito, empregados e empregadores*.
- Lima, C. T. K. (2018). *A gênese do bonde: Rio Grande - RS*. Monografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.
- Lopes, J. S., & Alvim, M. R. B. (2009). *Uma memória social operária forte diante de possibilidades difíceis de patrimonialização industrial: Cultura Material e Patrimônio da Ciência e Tecnologia*. Rio de Janeiro: MAST, MCT.

- Martins, S. F. (2016). *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanização (1873-1990)*. Rio Grande: Ed. FURG.
- Mendes, J. M., & Wünsch, D. S. (2009). Trabalho, classe operária e proteção social: reflexões e inquietações. *Katál*, 12(2), pp. 241-248. <https://doi.org/10.1590/S1414-49802009000200014>
- Nazareth-Tissot, K. (2017). *A cidade da infância (re)visitada: a relação entre presente e passado sobre o futuro da nostalgia em Pelotas/RS*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- Nery, O. S. (2020). *Leal, Santos & C.: a história da fábrica através do seu biscoito: produção, venda, consumo e musealização*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Oliveira, C. A. (2015). O fechamento da Swift na cidade do Rio Grande/RS (1960): o pior revellion de todos os tempos. *Anais do XVIII Simpósio Nacional de História*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Pedroso, T. D. (2011). Entre o apito e o cheiro de peixe: história, cotidiano e sociabilidades no bairro Cidade Nova. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Perrot, M. (2017). *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ricoeur, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP.
- Rubino, S., & Meneguello, C. (2005). Preservação do Patrimônio Industrial no Brasil: entrevista concedida a Maria Cristina Schicchi. *Oculum Ensaios*, 3, pp. 124-131.
- Sampaio, M. L. (2017). *Da fábrica ao museu: identificação, patrimonialização e difusão da cultura técnico-industrial*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Santhiago, R., & Magalhães, V. B. (2020). Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, 27(2), pp. 1-18. <https://doi.org/10.22456/1983-201X.102266>
- Sedikides, C., Wildschut, T., & Baden, D. (2004). Nostalgia: conceptual issues and existential functions. In: J. Greenberg, S. L. Koole, & T. Pyszczynski (Eds.). *Handbook of Experimental Existential Psychology* (pp. 200-214). Nova Iorque: Guilford Publications.

Silva, S. M. V., & Spolle, M. V. (2014). O trabalho feminino nas fábricas de conserva de pescado: a permanência de uma exploração laboral. *Scripta Nova*, 18(464), pp. 741-798.

Thomson, A. (1997). Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. *Projeto História*, 15, pp. 51-84.

Direitos Autorais (c) 2021 Olivia Silva Nery



Este texto está protegido por uma licença [Creative Commons](#)

Você tem o direito de Compartilhar - copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato - e Adaptar o documento - remixar, transformar, e criar a partir do material - para qualquer fim, mesmo que comercial, desde que cumpra a condição de:

Atribuição: Você deve atribuir o devido crédito, fornecer um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.

[Resumodalicença](#) [Textocompletodalicença](#)